

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

VASP — 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

*Paulo Freire, m*

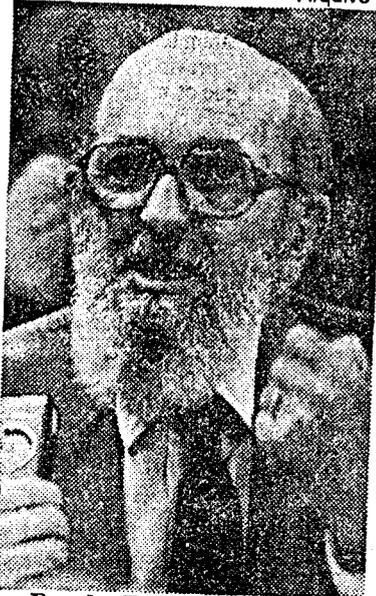
## Americanos acolhem método Paulo Freire

*34* Jerry Bohter  
The New York Times

Nova Iorque — Poucos dias após o triunfo da revolução sandinista, em julho de 1979, o novo governo nicaraguense procurou o educador brasileiro Paulo Freire na universidade americana onde ele lecionava como professor-visitante e o convidou a ir a Manágua para ajudar a reorganizar o sistema educacional do país e planejar o programa de alfabetização. Quando houve a Revolução dos Cravos em Portugal, em 1974, Paulo Freire recebeu um convite semelhante. O mesmo já tinha acontecido com o Chile do presidente socialista Salvador Allende e países africanos como Angola e Tanzânia também buscariam a ajuda daquele que é considerado o maior especialista em alfabetização e talvez o mais radical educador do mundo.

"Eu já fui criticado por alguns filósofos da educação que enquadram minha posição no que eles classificam pejorativamente de revolucionário", disse Paulo Freire numa recente visita a Nova Iorque, a caminho de seminários em várias universidades dos Estados Unidos. "Mas para mim foi uma grande satisfação ter recebido esses convites para trabalhar em sociedades que estão tentando progredir sem recuar. Elas estão mudando e por isso me chamaram."

Paulo Freire se tornou conhecido nos Estados Unidos com a publicação do seu livro *Pedagogia do Oprimido*, há mais de 15 anos. Ele defende a teoria de que não é a educação que molda a sociedade, mas a sociedade que orienta a educação para servir aos seus objetivos e aos daqueles que estão no poder. Para Paulo Freire a educação, e parti-



Arquivo  
**Paulo Freire voltou a ensinar na Califórnia**

cularmente o processo de aprender a ler e escrever, pode ser um instrumento de transformação social se conscientizar as camadas mais baixas da pirâmide social (os oprimidos) das razões de sua opressão.

Na prática, em suas campanhas de alfabetização que começaram no Nordeste brasileiro, no final da década de 50, e depois percorreram os quatro continentes, Freire e seus discípulos usam palavras ligadas à realidade de seus alunos — como fome ou terra — para ensinar camponeses e operários a ler e escrever. O objetivo é desenvolver o que eles chamam de uma "compreensão crítica da realidade". Conscientização é conceito-chave do método Paulo Freire e por isso ele tem influenciado os adeptos da Teologia da Libertação,

segundo a qual a Igreja deve incentivar os fiéis a buscar não apenas a salvação pessoal mas também a justiça social.

É fácil entender porque as idéias de Paulo Freire são tão populares no Terceiro Mundo, mas ele afirma que seu método educacional também é importante nos países industrializados do mundo capitalista. Sua filosofia de ensino tem sido utilizada nos Estados Unidos por grupos feministas, hispânicos e de negros que trabalham com programas de alfabetização de adultos ou treinamento de professores. Até algumas empresas têm usado suas técnicas para profissionais com baixo nível de educação acadêmica.

"Assim como é importante na América Latina discutir idéias que vêm da América do Norte também é importante para os norte-americanos discutir o conhecimento produzido na África ou na América Latina, mesmo que não estejam dentro dos interesses capitalistas", diz Paulo Freire, que foi preso e passou 15 anos no exílio após o golpe militar de 1964. O educador brasileiro, cuja filosofia e ligação a regimes como o da Nicarágua o tornam antipático aos olhos do presidente Reagan, acha que suas idéias têm tido cada vez melhor recepção nos Estados Unidos, apesar da recente guinada conservadora.

Nos últimos meses, Paulo Freire conduziu estudos nos institutos de Ciências Humanas e Sociologia da Universidade da Califórnia, dentro de sua teoria da "pesquisa participativa", cujo objetivo é reduzir o fosso entre a pesquisa acadêmica e a realidade cotidiana. Segundo ele, a sociedade americana é hoje mais conservadora do que nos anos 60, mas o público que o ouve, pelo menos nas universidades, "é maior, menos ingênuo e com maior consciência crítica".